

Reflexões VI · VII · VIII

Reflexiones desde la educación y las artes en la era COVID-19 |
Reflexões da Educação e das Artes na Era da COVID-19 | Reflections
from Education and the Arts in the COVID-19 Era

ANA MAE BARBOSA | anamaebarbosa@gmail.com
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI | BRASIL

SIDINEY PETERSON | sidney.peterson@gmail.com
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO | BRASIL

VITÓRIA AMARAL | vitorianegreirosamaral@gmail.com
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO | BRASIL

Recebido · Received · Recibido: 18/04/2020 | Aceito · Accepted · Aceptado: 30/04/2020

DOI: <https://dx.doi.org/10.12795/Communiars.2020.i04.03>



Artículo bajo licencia Creative Commons BY-NC-SA · Artigo sob licença Creative Commons BY-NC-SA · Article under Creative Commons license BY-NC-SA

Como citar este artigo · Cómo citar este artículo · How to cite this article:

Barbosa, A. M., Peterson da Lima, S. & Amaral, V. (2020). Reflexões VI, VII e VIII: reflexões da Educação e das Artes na Era da COVID-19. *Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educacion Crítica y Social*, 4, 21-24.

Resumo:

Reflexão VI corresponde a Ana Mae Barbosa, uma referência internacional em educação artística. Seu texto é uma homenagem a Arthur Efland, um influente educador de arte com quem ela trabalhou durante anos e com quem tinha uma grande amizade. *Reflexão VII* é de Sidiney Peterson, pesquisador, arquiteto da Universidade de São Paulo e diretor de Relações Internacionais da Federação Brasileira de Arte/Educação (biênio 2017/2018). Finalmente, *Reflexão VIII* corresponde a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral, professora do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Associada em Artes Visuais da UFPE/UFPB.

Keywords: COVID-19. Artes. Brasil. Arthur Efland. Reinvenção. Terrenos.

Abstract:

Reflection VI corresponds to Ana Mae Barbosa, an international reference in arts education. Her text is a tribute to Arthur Efland, an influential art educator with whom she worked for years and with whom she had a great friendship. *Reflection VII* is by Sidiney Peterson, researcher, architect at the Universidade de São Paulo and director of International Relations of the Brazilian Art/Education Federation (2017/2018 biennium). Finally, *Reflection VIII* corresponds to Maria das Vitórias Negreiros do Amaral, professor of the Visual Arts course at the Federal University of Pernambuco (UFPE) and coordinator of the Post-Graduate Associate Program in Visual Arts at UFPE/UFPB.

Keywords: COVID-19. Arts. Brazil. Arthur Efland. Reinvention. Land.



Resumen:

La *Reflexión VI* corresponde a Ana Mae Barbosa, un referente internacional de la educación artística. Su texto es un homenaje a Arthur Efland, educador artístico de gran influencia con el que trabajó durante años y mantenía una gran amistad. La *Reflexión VII* la firma Sidiney Peterson, investigador, arteducador de la Universidade de São Paulo y director de Relaciones Internacionales de la Federación de Arte/Educadores del Brasil (bienio 2017/2018). Finalmente, la *Reflexión VIII* corresponde a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral, profesora del curso de Artes Visuales de la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE) y coordinadora del Programa de Posgrado Asociado en Artes Visuales de la UFPE/UFPB.

Palabras claves: COVID-19. Artes. Brasil. Arthur Efland. Reinención. Terrenos.

Reflexão VI (Uma palavra para Arthur Efland)

A Morreu em Ohio (USA) Arthur Efland no dia 11 de abril de 2020 com 90 anos de lucidez dedicados à Arte /Educação.

Na década de 70 um de seus artigos sobre a Arte Escolar chamou a atenção para o fato de que a chamada Educação Artística nas Escolas não tinha nada a ver com o mundo da Arte , eram meros exercícios escolares Sua crítica abriu espaço para o pós- modernismo em Arte/Educação facilitando a entrada das imagens da Arte nas salas de aula do jardim da infância aos atelies nas Universidades Antes reinava a esquizofrenia na formação dos artistas:a dicotomia entre a pratica e a teoria Nas décadas seguintes publicou muito, mas dois livros mudaram o status da Arte na Educação e na História de seu ensino , um sobre Arte e Cognição e outro sobre História do Ensino da Arte

Eu era uma leitora ávida dos textos de Arthur Efland desde que fiz meu Doutorado na Universidade de Boston e me apaixonei pela História do Ensino da Arte Ele se transformou em um de meus heróis intelectuais Naquela época História do Ensino da Arte era um assunto relegado ao esquecimento , sem importância e quase sem público leitor Ele deu prestígio aos estudos históricos de Art/Education nos Estados Unidos Depois quando o conheci pessoalmente minha admiração aumentou muito. Era um ser humano extraordinário, percebia rapidamente as qualidades das pessoas e procurava se comunicar e ressaltar essas qualidades em vez de nos classificar pelos defeitos . Era um historiador com paciência histórica em relação a seus alunos , esperava que se desenvolvessem e se precisava criticar algo o fazia de maneira suave , as vezes um pouco irônica mas sempre dialogal. Arthur e Jenny receberam a mim e minha família (João Alexandre e Ana Amália) como se fossemos de sua própria família quando por um breve período fui professora da The Ohio State University Eles procuraram satisfazer minha sede de conhecer as instituições culturais próximas e não posso esquecer a magnífica experiência que me proporcionaram ao me levarem a ver uma exposição didática de uma obra de Frida Khalo no Museu de Arte da Universidade de Miami.Vi o que considero um milagre Museográfico . Uma unica obra (o auto-retrato de Frida Kahlo como veado) alimentando uma exposição que capturava os sentidos e era profundamente significativa.

Não posso deixar de pensar que um governo mais preocupado com o povo e não com reeleição talvez tivesse provido seu pais com melhores condições na área de saúde que teriam salvo

meu querido amigo. A calamidade pública no Brasil é ainda pior, o governo e alguns deputados fazem campanha para todos irem para a rua. Quem não quer ir é esquerdopata, segundo eles.

Ana Mae Barbosa

Universidade de São Paulo e Universidade Anhembi Morumbi. Brasil

Reflexão VII (Reinventar (se) é preciso...)

Permanecer em casa tem sido divulgada como uma ação de prevenção e proteção para todos nós que vivemos neste “novo” mundo que se reconfigura, a partir de uma excepcionalidade, uma crise que não sabemos, ao certo, se passageira ou não. Novos modos de viver, se comunicar e se relacionar estão sendo desenhados e, nesse contexto, diferentes maneiras de contato com a arte têm sido propostas, entre elas as visitas online a diferentes coleções de museus internacionais. O que nos parece importante é perceber, mesmo em estado de excepcionalidade, as potencialidades das artes em momentos como o que vivemos. De algum modo temos recorrido as artes como uma maneira de olhar, refletir e pensar nosso modo de viver e estar nesse mundo, em mudança. Com os cinemas, teatros e museus fechados outros modos de nos relacionar com as artes são propostos, a questão é: estamos preparados para uma imersão, uma experiência artística online? Nos parece fundamental o oferecimento de “lives” por artistas das diferentes áreas (artes visuais, dança, música, teatro), mas quem realiza a mediação entre arte e público, nesse contexto? Outros modos de contato e experiência com as artes, nos parecem estar sendo esboçadas, o que nos leva a pensar que, como professores e mediadores também precisamos nos reinventar, entrar em sintonia com novas maneiras de ler, usufruir e compreender as potencialidades, políticas, éticas e estéticas, das artes, sua produção e reinvenção neste mundo que também se encontra em estado de “reinvenção”.

Sidiney Peterson Ferreira de Lima

Universidade de São Paulo. Brasil

Reflexão VIII (Amanhã há de ser outro dia...¹)

Como será o amanhã, pós pandemia da COVID 19? Alguns acreditam que será pior que hoje, com um capitalismo ainda mais selvagem; outros dizem que teremos finalmente aprendido a cuidar da Terra e de nós mesmos. Mas não sabemos de fato como será o amanhã. Os terrenos² serão os mesmos? Mais medrosos? Mais solidários? egoístas? A Terra está doente... enclausurados em suas casas, nós terrenos começamos a sentir o tempo passar... o tempo do capital é o tempo da velocidade. Será? Tempo e espaço continuam juntos. O tempo não pára, diz o poeta. O espaço se reduz à casa. Com a pandemia, houve um desaceleramento obrigatório do tempo. O perigo da doença é eminente, o contágio rápido e devastador. Mesmo sabendo disso, muitos (des)governantes preferem a idéia de que morram os mais frágeis,

¹ Referência à música "Apesar de você", de Chico Buarque.

² *Terrenos*, é um termo utilizado pelo indígena Ailton Krenak para tratar dos ocupantes da Terra, como parte da natureza.

pobres e velhos; e que sobrevivam os fortes! Cuidar dos pobres e velhos é desnecessário, deixá-los morrer faz parte da seleção "natural" da humanidade. Seria a Teoria Evolucionista a solução? Ouvimos ideias como estas do Primeiro Ministro do Reino Unido, dos Presidentes dos Estados Unidos e do Brasil. O Presidente da Belarus diz que é só beber vodca e ir pra sauna que os contaminados ficarão bons. O que pensam eles? O capital vencerá o vírus? É momento de parar! A Terra pede silêncio! Tempo de repensar a vida, a educação, a política e com elas as relações cósmicas. Assistir a um médico cubano e a outro chinês irem à Itália para combater o vírus e partilhar de seus conhecimentos com outros, que sempre os rechaçaram por sua raça, cor da pele e ideologias, isso não seria um início de mudança? Não seria um outro sentido para o planeta, no qual precisamos uns dos outros para sobreviver?

Ficar em casa, com a família, com o companheiro ou a companheira deveria ser um prazer, mas o índice de feminicídio aumentou... por que? A saúde mental foi atingida? Não sabemos viver com nós mesmos? Para alguns a arte e a criação são uma saída. Mas, será que esse é um caminho para mudarmos? Teremos tempo e espaço para a arte pós pandemia? Só o tempo nos dirá. Um tempo em que nós não vive-remos. Para resistir ao isolamento social, a criatividade está sendo necessária. Muitos confinados em suas casas (re)aprendem a bordar, costurar, cozinhar, pintar, dançar, cuidar de si e do outro... tendo que lidar com outro e consigo. Dançar, ler poesias, ouvir músicas, preenchem esse tempo, que parece vazio, com prazer... criar, fazer arte acalma a nossa saúde mental. E por que não se dá importância ao seu ensino se nesses momentos de crise a arte é tão importante? Por que nas escolas, os professores e o tempo/espaço da arte são tão desvalorizados? Por que o capital tem maior valia? Será que podemos pensar o ensino como estamos vivendo agora, com mais compartilhamento? Será que podemos ter uma educação mais democrática? Um ensino no qual prática e teoria estejam juntas? Devemos aprender com essa pandemia que não estamos sós e que a arte e a criação são imprescindíveis para a tomada de consciência sobre qual o nosso lugar nesta Terra.

Vitória Amaral
Universidade Federal de Pernambuco. Brasil